



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS ARAPIRACA

MIYUKI YAMASHITA

MEMORIAL ACADÊMICO

**AS PARAGENS NOS “BRASIS” DE UMA DOCENTE EM (TRANS)(FORM)AÇÃO:
UM PROCESSO ENTRE CENTRO-OESTE, SUL, SUDESTE, NORTE E NORDESTE**

ARAPIRACA

2023

MIYUKI YAMASHITA

MEMORIAL ACADÊMICO

AS PARAGENS NOS “BRASIS” DE UMA DOCENTE EM (TRANS)(FORM)AÇÃO: UM
PROCESSO ENTRE CENTRO-OESTE, SUL, SUDESTE, NORTE E NORDESTE

Memorial Acadêmico apresentado à Comissão Especial de Avaliação, para fins de promoção docente para Classe E, Professora Titular, da carreira de magistério superior na Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

ARAPIRACA

2023



Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus Arapiraca
Biblioteca Setorial Campus Arapiraca - BSCA

Y19p Yamashita, Miyuki
As paragens nos “brasis” de uma docente em (trans)(form)ação: um processo entre centro-oeste, sul, sudeste, norte e nordeste/ Miyuki Yamashita. – Arapiraca, 2023.
38 f.: il.

Memorial Acadêmico (Professor titular classe E) - Universidade Federal de Alagoas, *Campus Arapiraca*, Arapiraca, 2023.
Disponível em: Universidade Digital (UD) – UFAL (*Campus Arapiraca*).
Referências: f. 37-38.

1. Magistério 2. Ensino superior 3. Professores universitários I. Universidade Federal de Alagoas II. Título.

CDU 378.124.2

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

CAMPUS ARAPIRACA

ATA DA DEFESA DO MEMORIAL ACADÊMICO

Às 18:30 h (dezoito horas e 30 minutos) do dia 21 (vinte e um) de dezembro de 2023 (dois mil e vinte e três), estando convidados representantes, corpo docente e discente da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como público em geral, ocorreu na plataforma Google Meet, através do link <https://meet.google.com/smd-wdtr-btx> a defesa do Memorial Acadêmico de MIYUKI YAMASHITA, docente do Campus Arapiraca da Universidade Federal de Alagoas, para fins de Promoção à CLASSE E, com a denominação de PROFESSOR TITULAR, da Carreira Docente. Participaram da Comissão Especial de Avaliação os professores Dr. Elton Casado Fireman – Presidente da Comissão Especial (Professor Titular da Universidade Federal de Alagoas), Dra. Maria Goretti de Vasconcelos Silva (Professora Titular da Universidade Federal do Ceará), Dr. Marlon Herbert Flora Barbosa Soares (Professor Titular da Universidade Federal de Goiás) e Dra. Laudileni Olenka (Professora Titular da Universidade Federal de Rondônia). Após a defesa, os membros da Comissão Especial arguíram a candidata e, em seguida, se reuniram para deliberar sobre as notas atribuídas por cada membro da Comissão, considerando as atividades de ensino, pesquisa, extensão, gestão acadêmica e produção profissional relevante, de acordo com o Art. 18 da RESOLUÇÃO Nº. 78/2014-CONSUNI/UFAL, de 17 de novembro de 2014, fundamentadas nos seguintes critérios: I - Domínio de ideias que tenham dado sustentação a trabalhos, atentando, de modo especial, para sua pertinência à área de conhecimento do Docente; II - Contemporaneidade, abrangência e evolução do conhecimento na área; III - Contribuição científica, técnica e/ou artística dos trabalhos; IV - Dados da carreira do Docente que revelem formação de recursos humanos e orientação acadêmica; V - Adequação da exposição do conteúdo ao tempo máximo de 60 (sessenta) minutos. As notas atribuídas a candidata foram 10,00 (dez pontos), 10,00 (dez pontos), 10,00 (dez pontos) e 10,00 (dez pontos), respectivamente, pelos professores doutores Elton Casado Fireman, Maria Goretti de

Vasconcelos Silva, Marlon Herbert Flora Barbosa Soares e Laudileni Olenka. Desta forma, MIYUKI YAMASHITA obteve resultado final nota 10,00 (dez pontos) e, portanto, considerado (x) Aprovada () Reprovada. As razões da atribuição de tais notas consideraram o cumprimento de todos os requisitos exigidos pelo Art. 18 da RESOLUÇÃO Nº. 78/2014-CONSUNI/UFAL, de 17 de novembro de 2014. A apresentação ocorreu de forma satisfatória e dentro do limite de tempo previsto, a banca avaliou o trabalho como de excelência acadêmica. Vale destacar para além dos critérios estabelecidos a docente apresentou criatividade e fluência ao longo da sessão de defesa. Lavrou-se então esta ata que, lida e considerada conforme, vai assinada pelos membros da Comissão Especial.

Documento assinado digitalmente
 **ELTON CASADO FIREMAN**
Data: 21/12/2023 21:14:39-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Elton Casado Fireman (Presidente da Comissão Especial)

Documento assinado digitalmente
 **MARIA GORETTI DE VASCONCELOS SILVA**
Data: 21/12/2023 21:33:42-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Maria Goretti de Vasconcelos Silva

Documento assinado digitalmente
 **MARLON HERBERT FLORA BARBOSA SOARES**
Data: 21/12/2023 21:57:15-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Marlon Herbert Flora Barbosa Soares

Profa. Dra. Laudileni Olenka

Documento assinado digitalmente
 **LAUDILENI OLENKA**
Data: 21/12/2023 22:08:13-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

*Dedico este memorial
ao Francisco Junior, com
amor.*

*À minha família e,
principalmente, à minha
querida mãe.*

AGRADECIMENTOS

Ao longo de minha trajetória, pude conhecer tantas pessoas incríveis que me inspiraram pela humildade, dedicação, pelo respeito, pela empatia, simplicidade, força, determinação, doçura, pelo zelo, dentre tantas outras qualidades. Aqui não cito os nomes ou apelidos de todas as pessoas queridas que fizeram parte da minha vida, mas saibam que vocês foram essenciais para que a minha Jornada fosse incrível.

À família Francisco, pelo carinho.

Aos amigos da “galera da praia”: Andrea, André, Bia, Iara, Mara, Marconi, Mari, Mitiyo, Rafa, Régis Samuel, Silvia, Sol, Wander, Wilmo, pelos momentos festivos.

Aos amigos da Universidade Estadual de Londrina (UEL): Ana, Ricardo, Sandra, Josi, Judson, Maura, Cassiano, Jorge e Terezo, pelo companheirismo.

Aos amigos de Mestrado: Ailton, Ana Mauriceia, Debora, Fábio, Marilza, Célia, Elizabeth, Ricardo, pelos momentos memoráveis.

Aos amigos do Doutorado: Edna, Chileno, Guga, Cleidiane, Steve (in memoriam), Clésia, Marcelo, Pilar, Rosana, Patrícia, Simone, Tânia, pelos momentos festivos e de aprendizagem.

Aos amigos que fiz em Rondônia, em especial, “Us Bunitus”, pela alegria.

Aos colegas e amigos do curso de Medicina, campus Arapiraca, Mônica, Aline, Alysson, Amanda, Carla, Carolinne, Celso, Danilo, Danyllo, Deysiane, Diego, Dornels, Fraga, Francine, Jaiurte, Jean, Jussara, Laurisson, Larissa, Luisa, Marcelo, M. Amélia, Michael, Rafael Silva, Raimundo, Raquel, Roberta, Thalyta, Thayrone, Thaysa e Wagner, pela cooperação.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Disciplinas ministradas na graduação distribuídas por temáticas	20
Figura 2 – Cartaz de divulgação e cena da peça teatral desenvolvida.....	25

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Primeiros trabalhos apresentados em eventos científicos.....	13
Quadro 2 – Orientações de iniciação científica concluídas.....	22
Quadro 3 – Orientações de Trabalho de Conclusão de Curso.....	23
Quadro 4 – Relação de orientações de monitoria.....	24
Quadro 5 – Relação de orientações de Mestrado concluídas e em andamento.....	26
Quadro 6 – Participação e coordenação de projetos de pesquisa financiados por agências de fomento.....	27
Quadro 7 – Participação em projetos de extensão.....	28
Quadro 8 – Produções intelectuais mais relevantes.....	30
Quadro 9 – Atividades administrativas e de gestão.....	34

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABP	Aprendizagem Baseada em Problemas
ACE	Atividades Curriculares de Extensão
APCN	Apresentação de Proposta para Curso Novo
Cetind	Centro de Tecnologia Industrial Pedro Ribeiro
CLT	Consolidação das Leis Trabalhistas
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Fapeal	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas
Fapesp	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
IAPAR	Instituto Agrônômico do Paraná
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério da Educação
NDE	Núcleo Docente Estruturante
PBL	<i>Problem Based Learning</i>
Pibic	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
Pibid	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PPC	Projeto Pedagógico de Curso
PPGDRA	Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente
PPGEFOP	Programa de Pós-Graduação em Ensino e Formação de Professores
PR	Paraná
Senai	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UEM	Universidade Estadual de Maringá
Ufac	Universidade Federal do Acre
Ufal	Universidade Federal de Alagoas
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
UNIR	Universidade Federal de Rondônia
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	10
2	TRAJETÓRIA DE (TRANS)(FORM)AÇÃO	11
2.1	Paragens entre o interior de Mato Grosso do Sul, Paraná e São Paulo: infância, graduação e pós-graduação	11
2.2	Paragens profissionais e o ingresso no magistério do Ensino Superior: Bahia, Rondônia e Alagoas	15
2.2.1	Senai, Bahia: rápida paragem, a primeira do Nordeste	15
2.2.2	Porto Velho, Rondônia: 2007-2014 – a paragem no Norte	15
2.2.3	A última paragem e a (trans)(form)ação fora da zona de conforto: Universidade Federal de Alagoas	16
3	UM POUCO MAIS DE (TRANS)(FORM)AÇÃO: ATIVIDADES ACADÊMICAS FINS PARA ESTE MEMORIAL	19
3.1	Atividades de ensino	19
3.1.1	Atividades de ensino: graduação	19
3.1.2	Atividades de ensino: pós-graduação	26
3.2	Atividades de pesquisa	27
3.3	Atividades de extensão	28
3.4	Atividades de produção intelectual	29
3.5	Atividades profissionais, administrativas e de gestão acadêmica	33
4	CONSIDERAÇÕES E EXPECTATIVAS FUTURAS	35
	REFERÊNCIAS.....	37

1 APRESENTAÇÃO

O título deste memorial – *As paragens nos “Brasis” de uma docente em (trans)(form)ação: um processo entre Centro-Oeste, Sul, Sudeste, Norte e Nordeste* – é, em certa medida, uma representação do percurso formativo-acadêmico vivenciado desde tempos quase imemoriais no início do período escolar. Morei nas cinco regiões geográficas do Brasil, tendo aportado em Alagoas, como última paragem. Nasci em Assaí, Paraná (PR), nos idos da década de 1970, mas, logo cedo, minha família foi morar no interior do Mato Grosso do Sul, Centro-Oeste brasileiro, onde teve início o meu percurso escolar e trajetória de (trans)(form)ação.

Selecionei algumas passagens e paragens dessa minha história com o intuito de contextualizar o processo formativo e acadêmico percorrido nesses anos, os quais relato na Seção 1. Já na Seção 2, detenho-me especialmente nas atividades acadêmicas que, conforme a Resolução nº 78/2014 do Conselho Superior da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), regulamenta que o memorial precisa descrever e analisar a vida acadêmica do docente no que tange a: I - atividades de ensino, pesquisa e/ou extensão, incluindo produção intelectual; II - atividades profissionais, individuais ou em equipe, relacionadas à área de conhecimento do Docente; III - outras atividades acadêmicas e institucionais complementares, incluindo administrativas e/ou representações institucionais; e IV - prêmios, comendas e honrarias recebidas relativas à vida acadêmica e profissional. Os documentos comprobatórios foram dispostos no formato de Apêndice numerados sequencialmente, acompanhando as seções e as subseções. Por fim, na Seção 3, apresento algumas reflexões sobre essa trajetória, ainda não finalizada e com expectativas futuras, de (trans)(form)ação.

2 TRAJETÓRIA DE (TRANS)(FORM)AÇÃO

Nesta seção, abordo, inicialmente, as minhas paragens em relação à minha infância, à graduação e à pós-graduação; e, na sequência, discorro sobre minhas paragens profissionais e o ingresso no magistério do Ensino Superior.

2.1 Paragens entre o interior de Mato Grosso do Sul, Paraná e São Paulo: infância, graduação e pós-graduação

Embora nascida no Paraná, não tenho lembranças de lá, na infância, pois logo, muito nova, me mudei com meus pais para a cidade de Deodópolis, no Mato Grosso do Sul. Lá, cresci em meio a quatro irmãs, dois irmãos e alguns primos. Entre as brincadeiras de infância, uma das primeiras memórias da minha infância foi na pré-escola. Tinha entre 4 e 5 anos e lembro-me de como era prazeroso frequentar o ambiente escolar. Apesar de muito tímida, aos poucos fui conquistando amigos e estudar passou a ser uma descoberta, com muitas paragens. A primeira delas foi quando, aos 15 anos de idade, deixei a casa de meus pais, em Deodópolis, para Dourados, também no Mato Grosso do Sul.

Minha mãe se dedicava, além dos serviços domésticos e cuidados com os filhos, ao atendimento de clientes e outras atividades em apoio ao meu pai no mercadinho que era o sustento da família. Por sua insistência, meus pais acordaram que todos os filhos ao finalizarem a oitava série estudariam fora. Detalhe, a minha mãe estudou apenas até a quinta série, e almejava que seus filhos tivessem a oportunidade que ela não teve, sabendo da importância da educação na vida das pessoas. Foi assim que se iniciaram as minhas paragens, a 100 Km de onde morávamos na época. Um ano depois, a contragosto, uma outra paragem. Fui estudar em Londrina-PR, voltando para o estado onde nasci. Essa mudança foi difícil pois estaria longe do meu círculo de amizade que conquistei em Dourados.

Em Londrina, tudo era muito diferente, tive de me adaptar à nova cidade, à nova escola e às novas amizades. Estudava muito, pois aspirava o ingresso na tão sonhada universidade. Estudei o antigo 2º Grau em uma escola privada, na qual vivenciei dois eventos importantes, denominados de “Nações Unidas” e “Sarau”. Esses eventos proporcionavam ao aluno uma visão mais abrangente sobre o conhecimento, como deveria ser o processo educativo, contemplando aspectos culturais e sociais. Na atividade de Nações Unidas, os estudantes, divididos em equipes, eram estimulados a estudarem a história, a cultura e a arte de diversos países. Era montada uma tenda, decorada pelos próprios estudantes com objetos que remetesse

ao país escolhido. Os estudantes explicavam para os visitantes sobre a cultura e a arte. Já, no Sarau, cada grupo podia escolher o tema de sua apresentação. Meu grupo apresentou a trajetória dos **Beatles** no formato de teatro. Ressalto que esses eventos nos permitiam explorar além dos muros da escola. Hoje, analiso essas duas experiências como significativas, pois fugiam daquele ensino que o professor era o centro do processo e os estudantes ouvintes. Após finalizar a Educação Básica, consegui ser aprovada para ingresso no Ensino Superior, também na cidade de Londrina.

Ingressei na Universidade Estadual de Londrina (UEL), no curso de graduação em Química. Durante a universidade, vivenciei diferentes experiências que ajudaram no meu processo formativo. Além das atividades curriculares obrigatórias, destaco o envolvimento com as atividades de pesquisa. A minha primeira atividade de iniciação científica foi na área de Química Orgânica, com ênfase em produtos naturais, sob orientação da Professora Terezinha de Jesus Faria.

Após o início de minhas atividades de pesquisa, fui contemplada com a bolsa do Programa Institucional CNPq/UEL/UEM¹. Esse apoio financeiro foi importante para me dedicar aos estudos e ter uma “certa autonomia financeira”. Desenvolvi o projeto “Constituintes Químicos de *Compositae* Potencialmente Ativos”, período de agosto a dezembro de 1991. Nessa pesquisa, estudei as flores de *Wedella paludosa*, uma planta muito comum na região. Esse trabalho foi apresentado no I Encontro Anual de Iniciação Científica realizado na UEM, no período de 21 a 22 de novembro de 1991, na cidade de Maringá-PR (Documento 1.1). Depois migrei para a pesquisa intitulada “Síntese de Isoflavanquinonas Potencialmente Tripanomidas (T. Cruzzi)”, com a mesma orientadora, período de janeiro a julho de 1992.

Em 1992, participei como estagiária na área de solos (Documento 1.2), no Instituto Agrônomo do Paraná (IAPAR). Trabalhei na parte de desenvolvimento de métodos de extrações de metais: Co, Cu, Mn, Ni, Pb e Zn, a partir do uso de solução diluída de HCl. Além disso, também participei de uma pesquisa acerca de avaliação das alterações químicas na superfície do solo e espécies químicas solubilizadas pela incorporação de resíduos orgânicos de origem vegetal e lixo urbano, bem como seus efeitos em plantas. Nesse período, tive um orientador que marcou sobremaneira minha formação: Mário Miyazawa. Além de ser um excelente pesquisador, ele exibia uma característica ímpar para a orientação: paciência em ensinar. A participação nessas pesquisas oportunizou meus primeiros trabalhos apresentados em importantes congressos de âmbito nacional, conforme mostra o Quadro 1.

¹ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/Universidade Estadual de Londrina/Universidade Estadual de Maringá.

Quadro 1 – Primeiros trabalhos apresentados em eventos científicos

Título do trabalho	Evento	Documento
<i>Extração de metais pesados de tecido vegetal em HCl 1M</i>	VII Encontro Nacional de Química Analítica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro-RJ (1993)	1.3
<i>Dinâmica do manganês do solo</i>	17 ^a Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química (1994)	1.4
<i>Dinâmica do manganês do solo e absorção pela planta</i>	XXI Reunião Brasileira de Fertilidade de Solo e Nutrição de Plantas (1994)	1.5

Fonte: Elaborado pela autora

O trabalho “Dinâmica do manganês do solo e absorção pela planta” recebeu, inclusive, uma menção honrosa como um dos melhores trabalhos do congresso. Além dos trabalhos em eventos, também tive a publicação dos primeiros artigos científicos. O primeiro deles em meu último ano de graduação, publicado em 1996 em um importante e antigo (já naquele tempo) periódico da área. Pense na alegria de uma estudante que teve seu primeiro artigo publicado no período da graduação. Trata-se, aqui, dos seguintes artigos: “*Manganese dynamic in acid soil and uptake by maize seedlings*” (Miyazawa *et al.*, 1996) – Documento 1.6; e “Absorção de metais pesados do lodo de esgoto pelo feijoeiro (*Phaseolus vulgaris* L)” (Miyazawa *et al.*, 1998) – Documento 1.7.

Finalizada a graduação na UEL (Documento 1.8), outra paragem. Por incentivo de amigos de graduação que já estavam cursando o Mestrado, em agosto de 1995, ingressei na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), na pós-graduação em Química. Morei por dois anos com alguns desses amigos da UEL, que muito me ajudaram desde a graduação e, principalmente, nesse período. Eles me apoiaram constantemente, em tudo que precisei, por isso tenho afeto e respeito imenso. Chegávamos tarde da universidade, pois os experimentos eram demorados e demandavam tempo e dedicação para acompanhamento. Em meu trabalho de dissertação, investiguei sensores eletroquímicos, na intersecção analítica/físico-química em novos materiais poliméricos condutores. Das pesquisas de Mestrado foram publicados alguns artigos, dos quais destaco: “*Application of a distributed impedance model in the analysis of conducting polymer films*” (Bisquert *et al.*, 2000) – Documento 1.9; e “*Frequency dispersion in electrochromic devices and conducting polymer electrodes: A generalized transmission line approach*” (Garcia-Belmonte *et al.*, 1999) – Documento 1.10.

Concluí o Mestrado em 1998 (Documento 1.11) e, apesar de gostar muito de São Carlos e dos amigos que ficaram, o Doutorado em Campinas me possibilitaria outros caminhos de pesquisa, mas não somente. Assim, parti para outra paragem, a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). A cidade de Campinas foi a primeira metrópole em que morei, sendo a Unicamp uma espécie de “cidade à parte”. Pessoas do país todo e de outros países compunham um caldeirão cultural de intensa diversidade. Esse ambiente fomentou experiências, amizades

e um forte senso de cooperação com os colegas de pesquisa. Aprendi muito com os doutorandos mais experientes, não apenas sobre química e as técnicas que usávamos em comum na pesquisa, mas sobre arte, companheirismo e a lidar com os desafios. Nessa etapa, continuei trabalhando com sensores eletroquímicos para o estudo de mecanismos de reações de interesse biológico. Defendi a tese no final de 2002 (Documento 1.12). Dela, resultaram alguns trabalhos publicados, dos quais destaco: “*Electrochemical comparative study of Riboflavin, FMN and FAD immobilized on the silica gel modified with zirconium oxide*” (Yamashita; Rosatto; Kubota, 2002) – Documento 1.13; e “*Electrochemical behavior of pyrroloquinoline quinone immobilized on silica gel modified with zirconium oxide*” (Yamashita; Pessôa; Kubota, 2003) – Documento 1.14.

Mesmo tendo aprendido muito e passado bons tempos na Unicamp, eu ainda buscava novos aprendizados. Havia conhecido o Professor Lúcio Angnes em um dos congressos que participei e o contactei sobre a possibilidade de um estágio pós-doutoral. Minha irmã havia se mudado para São Paulo e tudo coincidiu para mais uma paragem, agora a capital, São Paulo, no Instituto de Química da Universidade de São Paulo (USP). Aprovamos um projeto de Pós-doutorado na Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo à (Fapesp) para investigar o desenvolvimento de sensores eletroquímicos com interesse em análises biológicas e ambiental (Documento 1.15). Desses estudos resultaram os seguintes artigos: “*Epinephrine quantification in pharmaceutical formulations utilizing plant tissue biosensors*” (Felix; Yamashita; Angnes, 2006) – Documento 1.16; e “*Voltammetric studies and determination of Levodopa and Carbidopa in pharmaceutical products*” (Quintino; Yamashita; Angnes, 2006) – Documento 1.17.

Chegara ao máximo da formação acadêmica, com um bom domínio de técnicas eletroanalíticas e importantes publicações resultantes das pesquisas, da Iniciação Científica, do Mestrado, do Doutorado e do Pós-doutorado. No entanto, o sentimento era um misto de insegurança, de preocupação e, por que não, frustração, sobre o que fazer então, com toda essa formação acadêmica. Já na casa dos 30 anos, não tinha um emprego. Minha mãe, nessa época, morava no Japão. Voltar a morar com meu pai ou irmãos era impensável. Era uma época escassa de oportunidades para doutores, e cada vaga era disputada entre muitos candidatos. Com isso, antes mesmo de terminar o estágio pós-doutoral, me inscrevi em alguns processos seletivos e concursos. Foi o início das paragens profissionais, que passo a descrever a seguir, e me levaram a mais duas regiões, bem como muitas novas experiências acadêmicas e pessoais.

2.2 Paragens profissionais e o ingresso no magistério do Ensino Superior: Bahia, Rondônia e Alagoas

Nesta subseção, discorro, inicialmente, sobre minha rápida paragem no Nordeste, mais especificamente na Bahia, no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai); em seguida, abordo minha paragem na região Norte, em Porto Velho, Rondônia; e por fim, trato desta minha última paragem: a Universidade Federal de Alagoas.

2.2.1 Senai, Bahia: rápida paragem, a primeira do Nordeste

Logo ao finalizar o Pós-doutorado, concorri a uma bolsa de pesquisa no Senai-Cetind [Centro de Tecnologia Industrial Pedro Ribeiro], na cidade de Lauro de Freitas, Bahia. O Senai-Cetind é um importante centro de pesquisa em desenvolvimento em análises químicas. Fui aprovada para trabalhar como pesquisadora visitante em um projeto sobre análise do perfil químico de cachaças. Foi um importante momento de aprendizagem sobre o funcionamento do setor comercial e me adaptei rapidamente à Bahia. Morava em Salvador, em Itapuã, e trabalhava em Lauro Freitas, que é bem próxima.

Desenvolvi esse projeto pelo período de quase um ano e recebi proposta para ser efetivada como funcionária por meio da formalização da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT). Contudo, uma semana após receber essa proposta, também recebi uma ligação telefônica que mudaria, nova e drasticamente, minha vida. Há quase um ano havia me submetido ao concurso da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Havia sido aprovada, mas não classificada entre as vagas disponíveis de imediato. Devido à saída de um dos docentes, fui então convocada para assumir a vaga de docente no magistério superior.

2.2.2 Porto Velho, Rondônia: 2007-2014 – a paragem no Norte

Os concursos desde o fim de meu Doutorado eram muito escassos. Foram poucos os abertos e aos quais concorri. Definitivamente, o mais significativo foi para a UNIR, em Porto Velho, realizado quase ao fim do estágio pós-doutoral. Por sorte, não cheguei a verificar o número de inscritos. Foram 43 candidatas para **três** vagas em diversas áreas da Química.

Ao chegar em Porto Velho para concorrer à vaga docente, encantei-me com a cidade à primeira vista, apesar de assustada com a fumaça que tomava conta da cidade. Devido às queimadas e à inversão térmica, a cidade foi dominada por uma fumaça que mal permitia ver o outro lado da margem do Rio Madeira. Ficou assim uns dois dias. Outra característica da cidade

é seu “calor” intenso, ao qual demorei a me adaptar. Todavia, a maioria dos estabelecimentos tinha ar-condicionado, um alívio. Com essas experiências iniciais, ingressei como docente da UNIR em janeiro de 2007. Ao contrário de muitas pessoas, rapidamente me adaptei ao costume local, iniciando a carreira de Magistério do Ensino Superior.

Na UNIR, desenvolvi uma diversidade de ações ligadas ao ensino, à pesquisa, à extensão e à administração, as quais serão relatadas mais detalhadamente na seção de atividades acadêmicas. Entretanto, poderia destacar a participação no Comitê Técnico Científico do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) e a atuação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), no subprojeto de Química. Realizei minhas primeiras orientações em nível de graduação e pós-graduação, bem como ocupei os cargos de coordenadora do curso de Licenciatura em Química e chefe do Departamento de Química, vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente. Trabalhei, ainda, na composição de diversas comissões.

Fiz muitos amigos em Rondônia e a partir da UNIR. Enfrentei dificuldades de estrutura e de ordens diversas. Aprendi a lidar com algumas; outras nem tanto. Desenvolvi atividades acadêmicas das quais me orgulho e que serão mais bem descritas na Seção 2 deste memorial. Foram sete anos e meio em Porto Velho, na Amazônia brasileira, de janeiro de 2007 a agosto de 2014, até aportar em Alagoas, última paragem relatada neste memorial.

2.2.3 A última paragem e a (trans)(form)ação fora da zona de conforto: Universidade Federal de Alagoas

A chegada à Ufal, *campus* Arapiraca, ocorreu em agosto de 2014, por meio de redistribuição entre a UNIR e a Ufal. Depois de ter vivido em capitais desde o Pós-doutorado, eu voltara ao interior, a um *campus* fruto do processo de expansão e interiorização das universidades federais, em Arapiraca, uma cidade de médio porte (cerca de 230 mil habitantes) e distante aproximadamente 120 km da capital Maceió.

Inicialmente, fiquei sob supervisão do curso de Licenciatura em Química, ministrando as disciplinas de Bioquímica, Analítica e Química Geral Experimental, uma vez que o curso de Medicina do *campus*, para o qual fui alocada, estava em fase de implementação. A Ufal está organizada em unidades acadêmicas, e os docentes são distribuídos entre os cursos por demanda. Ainda ministrando aulas no curso de Química, participei de tarefas relacionadas ao curso de Medicina, como a integração da Comissão de Compras e Infraestrutura, reuniões de

trabalho para a elaboração do Projeto Pedagógico de Curso (PPC) e participação do colegiado (algumas destas descritas na seção 2.5 de Atividades de Administração/Gestão Acadêmica).

Nesse ínterim, eram poucos docentes lotados no curso, e a maioria não dispunha de formação nas Ciências Médicas. Outro grande desafio foi o modelo curricular do curso que necessariamente deveria se pautar na Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP). Isso requereu horas de estudo e de atendimento a inúmeras palestras, oficinas e cursos de capacitação (Documentos 1.18 a 1.20). A formação disciplinar e pautada quase exclusivamente no modelo transmissivo, no qual o professor fala e os estudantes escutam, exigem significativas mudanças de postura ao se enveredar pelo ensino que **valoriza o protagonismo estudantil**.

Além dos desafios que abarcam a metodologia de ensino, iniciar um curso novo, de tamanha complexidade e importância estratégica, tanto social quanto acadêmica, implicam outros, como a contratação de docentes, a estruturação pedagógica e física e o prazo para que o curso iniciasse. Todo esse contexto, agravado pela constante e gradativa restrição orçamentária das universidades prejudicaram em muitos aspectos o funcionamento do curso. Mais recentemente, a pandemia, em 2020, e o modelo remoto de ensino agregaram novos obstáculos. De certa forma, a preocupação com tais demandas deslocaram o foco de outras atividades acadêmicas, como a pesquisa e as orientações de iniciação científica, que não tiveram a mesma regularidade dos tempos de UNIR. Todo esse processo me colocou fora da zona de conforto que havia construído até então.

Desafios outros impingiram preocupações outras com sentimentos ambíguos, em certa medida frustrantes e satisfatórios: frustrantes, por não manter uma regularidade na produção do conhecimento, parte também devido às mudanças de foco nos estudos, anteriormente voltados à Química Analítica com interesse ambiental e, agora, na tentativa da interface com a Saúde; satisfatórios, por fazer parte da história da Ufal e do *campus* Arapiraca, ao participar ativamente do processo de construção e implantação da formação médica em uma região de grande necessidade. O mais importante é também o reconhecimento daqueles que se modificam e se formam nesse processo, os estudantes, futuros médicos.

Recentemente, o último desafio. Assumi, em novembro de 2022, a responsabilidade da vice-coordenação do curso, com o intuito de encerrar um ciclo de contribuições ao fortalecimento e à consolidação da formação de profissionais médicos do e para o Agreste alagoano. Nesse processo, o curso foi avaliado para seu reconhecimento, obtendo o conceito máximo (cinco), fruto de muito trabalho e comemoração pela coordenação. Encerro aqui esse preâmbulo de paragens neste processo de (trans)(form)ação entre Centro-Oeste, Sul, Sudeste,

Norte e Nordeste para descrever as atividades acadêmicas que são objeto de avaliação deste memorial.

3 UM POUCO MAIS DE (TRANS)(FORM)AÇÃO: ATIVIDADES ACADÊMICAS FINS PARA ESTE MEMORIAL

Nesta seção, descrevo as atividades fins deste memorial, com o intuito de analisar a minha trajetória acadêmica no que tange às atividades de ensino, pesquisa, extensão, produção intelectual, atividades profissionais relacionadas à área de conhecimento, bem como atividades acadêmicas e institucionais complementares, incluindo administrativas e/ou gestão (Resolução nº 78/2014 Consuni/Ufal). Para efeito de organização, dividi a seção em cinco subseções que contemplam respectivamente essa ordem: atividades de ensino (2.1) na graduação e na pós-graduação; atividades de pesquisa (2.2); c) atividades de extensão (2.3); produção intelectual (2.4); e atividades profissionais, administrativas e de gestão acadêmica (2.5).

3.1 Atividades de ensino

As atividades de ensino são o objeto fim do docente de magistério de Ensino Superior. Ainda que as universidades sejam os principais centros de pesquisa e produção do conhecimento no país e no mundo, são também os principais centros de formação profissional. No meu percurso acadêmico, atuei e ainda tenho atuado em atividades de ensino, tanto em nível de graduação quanto de pós-graduação *stricto sensu*, as quais se dividem basicamente entre as disciplinas e as orientações.

3.1.1 Atividades de ensino: graduação

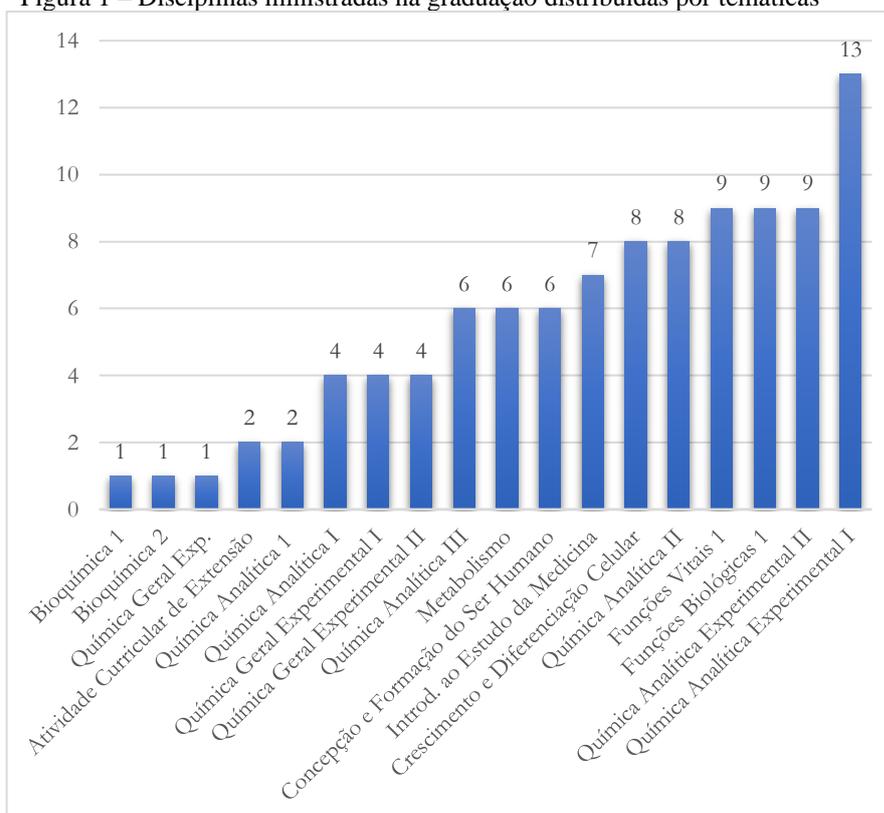
Ao longo de 16 anos de atuação, ministrei diferentes disciplinas, em diferentes cursos e níveis do Ensino Superior. No ensino de graduação, considerando tanto a UNIR (Documento 2.1.1) quanto a Ufal (Documento 2.1.2²), ministrei 100 disciplinas com 16 diferentes temáticas (média superior a seis disciplinas por ano), que somam um pouco mais do que 7.900 horas (Figura 1). A média por semestre letivo fica próxima de 246 horas (aproximadamente 12,3 horas por semana), superando, em certo grau, o mínimo preconizado pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB) que estabelece oito horas semanais.

Ainda prevalecem as disciplinas ligadas à Química Analítica, sobretudo Experimental I e II, pelas quais fui responsável entre 2007 e 2014 na UNIR. Nesse período, pude trabalhar com

² Os semestres letivos não correspondem ao ano civil em função do atraso no calendário acadêmico provocado, sobretudo, pela pandemia da covid-19. Por isso, o último período letivo documentado é de 2022 – 1º semestre, que foi encerrado em maio de 2023, encontrando-se dentro do interstício temporal da promoção funcional (abril 2021/abril 2023).

os estudantes na parte teórica e prática. A infraestrutura de laboratório era adequada para as atividades de ensino e pesquisa. Nas aulas práticas, dividíamos os estudantes em duas turmas, o que possibilitava maior acompanhamento e interação com os estudantes. A abordagem da Química Analítica era contextualizada visando um problema no âmbito ambiental, saúde ou alimentícia. Ainda quando cheguei na Ufal, ministrei disciplinas de Química Analítica, mais relacionadas a minha atuação, até o primeiro semestre de 2015.

Figura 1 – Disciplinas ministradas na graduação distribuídas por temáticas



Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Obs.: Os números no gráfico correspondem ao número de vezes que ministrei cada disciplina.

Já no curso de Medicina, a partir do segundo semestre de 2015, o formato de trabalho é diferenciado em comparação ao curso de Química (e a maioria dos cursos de graduação). Trabalhamos com metodologias ativas de ensino-aprendizagem, no meu caso com ênfase em Aprendizagem Baseado em Problemas (em inglês, *Problem Based Learning* – PBL). Por isso, as disciplinas são divididas em módulos, nos quais atuam os docentes (denominados de tutores). Cada módulo compreende, geralmente, três grupos de tutoria com dez estudantes, cada qual com um tutor (docente) responsável. O trabalho é sempre coletivo, pois os grupos precisam progredir de forma similar. O planejamento é realizado conjuntamente pelos tutores que seguem um cronograma estabelecido de abertura e fechamento semanal dos problemas. O processo de

avaliação também é diferenciado, incluindo participação na discussão dos problemas, (auto)avaliação e avaliações escritas. Nesse formato, ministrei os módulos: Introdução ao Estudo da Medicina; Metabolismo; Concepção e Formação do Ser Humano; e módulos do segundo período: Funções Vitais 1; Funções Biológicas 1; Crescimento e Diferenciação Celular. Ademais, trabalhei com Atividades Curriculares de Extensão (ACE).

Esse formato exige mais dedicação, estudo e colaboração entre os docentes, que atuam de modo interdisciplinar, visto que os problemas abarcam diferentes aspectos. A carga-horária também é mais elevada, pois, para a abertura e fechamento, compreende aproximadamente 16 horas de atividades semanais. Isso exigiu, e tem exigido, até os tempos atuais, estudos constantes, participação em cursos de capacitação, diálogo com os docentes e árduo trabalho em equipe para elaboração das atividades didáticas, incluindo a escrita dos casos/problemas para as atividades docentes, todos autorais da equipe (vide exemplos no Documento 2.1.3).

O fato de minha formação não ser especificamente na área da Saúde trouxe desafios adicionais, pois demandou mais estudo nessa interface, já que cada novo módulo exigia apropriar-me dos conhecimentos fundamentais. De certa forma, isso tem afetado outras atividades acadêmicas por requerer maior tempo de dedicação. Ao mesmo tempo, a integração entre o corpo docente e discente bem como o desenvolvimento dos estudantes em diferentes competências ocorre em maior grau. Tem sido uma experiência valiosa o trabalho nessa perspectiva de ensino, que sem dúvida promove maior autonomia e aprendizagem para os estudantes.

Com as disciplinas, as atividades de orientação demandam também significativa atenção, pois envolvem um trabalho mais direto e próximo com os estudantes. Na graduação, atuei constantemente em basicamente três tipos de orientações: iniciação científica, trabalho de conclusão de curso (TCC) e monitoria; as quais demarcam, de certo modo, os períodos de atuação na UNIR e na Ufal.

No caso da Iniciação Científica, minha primeira orientação teve início no ano de 2007 (Quadro 2). Até 2023, foram 18 orientações concluídas (duas coorientações), sendo 15 em Rondônia e três em Alagoas. A maioria eram graduandos em Química (16), sendo as duas últimas orientações de estudantes de Medicina.

Quadro 2 – Orientações de iniciação científica concluídas³

Ano	Título	Discente	Documento
2007-2008	<i>Estudo de Biodegradação de Compostos Orgânicos Poluentes</i>	Maria Odaise Silva dos Santos	2.1.4
2007-2008	<i>Avaliação da degradação de componentes derivados de petróleo por consórcios de microrganismos de Rondônia</i>	Elisângela Alves Santos	2.1.5
2007-2008	<i>Estudo de biotransformação de compostos químicos por compostos químicos por microrganismos da Região Amazônica</i>	Leidiane Caroline Lautharte	2.1.6
2008-2009	<i>Biodegradação de óleo diesel por microrganismos isolados de águas residuárias da Região Amazônica</i>	Walkimar Aleixo da Costa Júnior / Leidiane Caroline Lautharte	2.1.7
2007-2008	<i>Caracterização de compostos orgânicos voláteis em amostras de água de poços residenciais do município de Porto Velho</i>	Jamile Mariano Macedo (Coorientação)	2.1.8
2008-2009	<i>Identificação de agentes responsáveis pela biodegradação de compostos orgânicos nos solos</i>	Izaias Damascena Silva (Coorientação)	2.1.9
2009-2010	<i>Identificação de agentes biológicos com prospecção biotecnológica através de monitoramento ambiental</i>	Francisca Denilça dos Santos Narciso / Cristiani da Silva Lino de Barros	2.1.10
2010-2011	<i>Identificação de agentes biológicos com prospecção biotecnológica através de monitoramento ambiental</i>	Francisca Denilça dos Santos Narciso / Walkimar Aleixo da Costa Junior	2.1.11
2011-2012	<i>Leitura e escrita no ensino e na formação de professores de Ciências</i>	Aline Araújo Dias Barros / Viviane Martins Garcia	2.1.12
2011-2012	<i>Implantação de métodos analíticos para identificação e quantificação de cocaína em amostras biológicas no estado de Rondônia</i>	Walkimar Aleixo da Costa Júnior	2.1.13
2012-2013	<i>Determinação dos principais constituintes de compostos orgânicos voláteis e águas de superfície e subterrâneas da cidade de Porto Velho-RO, Amazônia Ocidental</i>	Juliane Schu	2.1.14
2016-2017	<i>Avaliação da qualidade de águas da região de Arapiraca, AL</i>	Fylipe Rodrigues Farias	2.1.15
2020-2021	<i>Lesão renal aguda em pacientes com Dengue, Chikungunya e Zika</i>	Eduardo Feitosa Santos / Erielly Maria Bezerra Araujo Feitoza	2.1.16

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Cada orientação teve sua particularidade, mas gostaria de destacar minha primeira, Maria Odaise, que, por incentivo, concorreu a uma bolsa de intercâmbio para o Japão ainda durante a graduação, tendo posteriormente cursado o Mestrado na Universidade de Osaka. Hoje, ela é docente do Instituto Federal de Rondônia, em Porto Velho.

As orientações de TCC, mais constantes no período de UNIR, iniciaram-se em 2008 (Quadro 3). Registradas foram nove, a maioria originadas do campo da Química Analítica. Na UNIR, além de atuar em um curso específico da minha formação, havia constituído uma

³ Os títulos repetidos

dinâmica de pesquisa, fato que resultou na maior quantidade de orientações de iniciação científica e TCC.

Quadro 3 – Orientações de Trabalho de Conclusão de Curso

Ano	Título	Orientando/a	Documento
2008	<i>Experimentação no Ensino de Química voltada para a Educação de Jovens e Adultos – EJA: conforme a proposta do PCN+ de Química</i>	Francismar Valéria de Freitas	2.1.17
2009	<i>Análise da água superficial e subterrânea no entorno do depósito de resíduos sólidos urbano de Porto Velho-RO</i>	Maria Cristina Nery do Nascimento	2.1.18
2010	<i>Degradação de cocaína: questão de umidade e temperatura</i>	Gleiciane Barros Ferreira da Silva	2.1.19
2011	<i>Seleção microbiana isoladas e associada com potencialidade de biodegradar hidrocarbonetos policíclicos aromáticos (HPA)</i>	Francisca Denilça dos Santos	2.1.20
2013	<i>Estudo da degradação do herbicida ácido 2,3-diclorofenoxiacético (2,4-D) por culturas bacterianas</i>	Cristiani da Silva Lino de Barros	2.1.21
2014	<i>Abordando densidade por meio de uma sequência didática</i>	Izaías Damascena Silva	2.1.22
2018	<i>Análise da qualidade físico-química e microbiológica da água de bebedouros distribuída em escolas públicas da zona rural do município de Arapiraca - AL</i>	Dayrane Rose Celestino da Silva	2.1.23
2022	<i>Sazonalidade, área de risco e vulnerabilidade para dengue em um município de médio porte no interior de Alagoas</i>	Erielly Maria Bezerra Araújo Feitoza / Eduardo Feitosa Santos	2.1.24

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A primeira vez que trabalhei com orientação de monitoria foi ainda na UNIR, mas o programa era em bem menor escala que na Ufal. Na Ufal, a monitoria é bastante valorizada, tanto pela instituição quanto pelos próprios estudantes, que realmente se identificam com seus objetivos. Em todo semestre, é aberto um processo seletivo de monitores, em geral um certame bastante concorrido. Frequentemente, um módulo apresenta entre cinco e dez candidatos para uma ou duas vagas. A seleção é realizada mediante prova escrita, entrevista e análise do histórico.

Eles participam planejando atividades de apoio didático e interagem com os estudantes (colegas de curso). Desenvolvem diversificadas ações, como elaboração de questões, atividades lúdicas, sala de aula invertida, dentre outras, vivenciando, em certo grau, a docência. Inclusive, alguns alunos já formados do curso de Medicina estão trabalhando como professores voluntários no curso de Medicina por interesse originado nesse processo. Até abril de 2022, foram 13 orientações de Monitoria concluídas na Ufal (Quadro 4).

Quadro 4 – Relação de orientações de monitoria

Período acadêmico	Disciplina/Módulo	Orientando/a	Documento
2016.2	Introdução ao Estudo da Medicina, Concepção e Formação do Ser Humano e Metabolismo	Fernando Muniz de Souza	2.1.25
2017.1	Funções Vitais 1, Funções Biológicas 1 e Crescimento e Diferenciação Celular	Elena Maria da Silva Duarte	2.1.26
2017.2	Introdução ao Estudo da Medicina; Metabolismo; Metabolismo e Formação do Ser Humano	Emmylly Maria Correia Ferro de Araújo	2.1.27
2019.1	Funções Vitais I/Funções Biológicas I/Crescimento e Diferenciação Celular	Matheus Santos Duarte	2.1.28
2019.2	Introdução ao Estudo da Medicina/Metabolismo/Concepção e Formação do Ser Humano	Maria Lua Santos Alves de Farias	2.1.29
2020.1	Metabolismo	José Nunes de Oliveira Júnior	2.1.30
2020.2	Funções Vitais I	Isabella de Menezes Zamuraym	2.1.31
2021.1	Funções Vitais I	Isabella de Menezes Zamuraym	2.1.32
2021.1	Funções Vitais I	Ranya Mirelle Santos de Medeiros	2.1.33
2022.1	Funções Vitais I/Funções Biológicas I/Crescimento e Diferenciação Celular	Hélen Rodrigues da Rocha	2.1.34
2022.1	Funções Vitais I/Funções Biológicas I/Crescimento e Diferenciação Celular	Luiz Alfredo Amaral Ramos	2.1.34
2022.2	Funções Vitais I/Funções Biológicas I/Crescimento e Diferenciação Celular	Hélen Rodrigues da Rocha	2.1.34
2022.2	Funções Vitais I/Funções Biológicas I/Crescimento e Diferenciação Celular	Luiz Alfredo Amaral Ramos	2.1.34

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Ao total, nas diferentes modalidades, foram 40 orientações, o que resulta em uma média de 2,5 orientações de graduação por ano. Mais do que números, foram estudantes diferentes, com olhares e feições que parecem surgir como filme. Personalidades e histórias de vida singulares, algumas de muitos obstáculos e superações. Com alguns passei mais de dois anos em orientações de iniciação científica, TCC e até Mestrado, entre muitos sorrisos, mas também lágrimas. Recordo-me, por exemplo, de Gleiciane, que, com pouco mais de 20 anos, se dividia na tarefa entre estudante e mãe de gêmeos, solteira, pois o patriarcado onera as mulheres que devem se multiplicar para “cumprir com suas obrigações”. Quantas vezes permiti que Gleiciane assistisse à aula com seus dois filhos, ainda muito jovens. Hoje, ela é servidora técnica da UNIR e mestre em Química (Analítica) pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Mais do que um número para compor este memorial avaliativo, essas orientações representam vidas (trans)formadas, para os estudantes, mas também para mim. Não é possível descrever o significado e a alegria de, mesmo minimamente, ter estado no percurso de sucesso trilhado por cada um.

Ainda referente às atividades de ensino de graduação, tive a grata experiência de coordenar o Pibid da área de Química na UNIR (Documento 2.1.35). Embora não tendo formação nessa área, uma das coordenadoras havia se afastado para o Doutorado e coube a mim essa grata missão, de 2011 a 2014. O Pibid é um programa muito bonito que ajuda na valorização da licenciatura e na integração com as escolas de Educação Básica. Vivenciei muitas experiências significativas. Uma delas foi logo no meu primeiro ano, em 2011, que foi instituído o Ano Internacional da Química em função do segundo Prêmio Nobel de Marie Curie. Adaptamos um roteiro de encenação teatral (Figura 2) que foi apresentada na própria UNIR, em diferentes escolas públicas de Porto Velho, inclusive no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre (Ufac), em Rio Branco.

Figura 2 – Cartaz de divulgação e cena da peça teatral desenvolvida



Fonte: Arquivo da autora (2011).

A peça envolveu todos os integrantes bolsistas do Pibid (22) e alguns voluntários, que se dividiram na tarefa de atores, figurinistas, sonoplastas e outros apoios técnicos, como para a seleção e testes de experimentos utilizados na encenação. Lembro-me de ir de uma escola a outra na cidade com os figurinos, cenário e caixas de material para o experimento. Foi um momento de muita integração entre os estudantes e um trabalho de divulgação científica importante na região. Dessa experiência resultou, inclusive, uma pesquisa publicada no artigo “O teatro científico como ferramenta para a formação docente: uma pesquisa no âmbito do Pibid” (Documento 2.4.9). Tenho gratas recordações desse momento, que foi também de muito aprendizado no campo da divulgação e do ensino das Ciências. Com essas boas recordações das atividades de ensino na graduação, passo a descrever sobre o ensino na pós-graduação.

3.1.2 Atividades de ensino: pós-graduação

Em relação à pós-graduação, participei como docente em dois programas: Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente (PGDRA), na UNIR, e Programa de Pós-Graduação em Ensino e Formação de Professores (PPGEFOP), na Ufal. Fui credenciada ao PGDRA no ano de 2010, tendo concluído três orientações (Quadro 5). Minha primeira orientanda de Mestrado, Leidiane Lauthartte, havia sido também uma das primeiras orientações de iniciação científica. Posteriormente, ela cursou o Doutorado em Biodiversidade e Biotecnologia no mesmo grupo de pesquisa na UNIR, atuando hoje como docente da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), lotada no seu Colégio de Aplicação.

Quadro 5 – Relação de orientações de Mestrado concluídas e em andamento

Ano	Título	Orientando/a	Documento
2023-atual	<i>Imagens em livros didáticos de ciências da natureza aprovados pelo PNLD 2020</i>	Stella Regina Teixeira Stevam (em andamento)	2.1.36
2022-atual	<i>Aprendizagem baseada em Problemas (ABP) no Ensino de Ciências da Natureza</i>	Bruna Kélvia Alves de Oliveira (em andamento)	2.1.36
2021-atual	<i>Práticas de docentes de Educação Física do Ensino Fundamental durante a pandemia</i>	Amanda Tener Lima (em andamento)	2.1.36
2011-2014	<i>Avaliação do potencial mutagênico dos poluentes lançados nos afluentes do Rio Boa Vista no município de Ouro Preto do Oeste - RO</i>	Jhonatan Morandi de Oliveira	2..1.37
2010-2013	<i>Caracterização de amostras de cocaína apreendidas no estado de Rondônia</i>	Gustavo de Oliveira Neves	2.1.38
2010-2013	<i>Avaliação da qualidade de água subterrânea no distrito de Jaci-Paraná, município de Porto Velho, RO</i>	Leidiane Caroline Lauthartte	2.1.39

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A redistribuição para a Ufal levou obviamente ao meu descredenciamento do programa, ficando quase sete anos sem atuar na pós-graduação. O *campus* Arapiraca possui, 16 anos após sua criação, três cursos de Mestrado. Foi com a abertura de um deles, o PPGEFOP, em 2021, que voltei a atuar na pós-graduação com orientações ainda em andamento (Quadro 5).

Devido a essa intermitência e considerando que a atuação na docência da pós-graduação é mais especializada, não ocorrendo tão regularmente como na graduação, ministrei até o momento somente duas disciplinas, ambas específicas: Cromatografia Gasosa, no PGDRA (Documento 2.1.2) e Metodologias Ativas de Ensino, no PPGEFOP (Documento 2.1.40). A primeira é fruto de minha experiência na Química Analítica e métodos cromatográficos. A segunda fruto da vivência com a ABP na docência do curso de Medicina.

Numericamente, o número de orientações e disciplinas em nível de pós-graduação seria pouco. Gostaria de ter atuado mais na pós-graduação? Sem dúvida. Não quero balizar essas atividades pelos meandros das adversidades enfrentadas por ter escolhido atuar em regiões cuja

pós-graduação ainda precisa de maior desenvolvimento (a UNIR, até hoje, tem apenas cinco cursos de Doutorado; já, no interior de Alagoas, não existem cursos de Doutorado, e há somente quatro de Mestrado). Os tempos são de esperar e projetar os próximos passos. Quero concluir as orientações iniciadas e outras mais. Compor, quem sabe, a equipe responsável pelo primeiro curso de Doutorado do interior de Alagoas pelo PPGEFOP. Há muito o que ser feito. Por isso, escolhemos estar onde estamos.

3.2 Atividades de pesquisa

A atividade de pesquisa sempre me fascinou. Movida pela curiosidade em investigar, analisar e entender o comportamento da natureza, iniciei, desde a graduação, atividades de pesquisa acadêmica, conforme já relatado na Seção 1. Ao chegar na UNIR, ainda que tudo fosse novo, minha experiência no campo da Química Analítica logo foi útil para o estabelecimento de parcerias. Rapidamente, integrei-me ao Laboratório de Biogeoquímica Ambiental, coordenado pelo professor Wanderley Rodrigues de Bastos, uma referência na área. Com sua parceria, integrei o projeto “Identificação de agentes biológicos com prospecção biotecnológica através de monitoramento ambiental” (Quadro 6), meu primeiro como docente da UNIR. A esse projeto, seguiram outras parcerias que resultaram em algumas publicações, descritas na subseção 2.4.

Quadro 6 – Participação e coordenação de projetos de pesquisa financiados por agências de fomento

Período	Projeto	Fomento	Documento
2022- atual	Rede social <i>Instagram</i> e ciência: práticas de divulgação do conhecimento e potencialidades educativas	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (Fapeal)	2.2.1
2012 - 2013	Avaliação do potencial de biodegradação de Hidrocarbonetos Policíclicos Aromáticos (HPA) por bactérias autóctones da Amazônia ocidental	Universal CNPq 14/2011	2.2.2
2008 - 2010	Identificação de agentes biológicos com prospecção biotecnológica através de monitoramento ambiental	CNPq CT Biotecnologia	2.2.3

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

No Departamento de Química, passei a coordenar a Central Analítica e a ser a responsável técnica por alguns equipamentos, como cromatógrafo gasoso. Adentrei a dinâmica da pesquisa, orientando estudantes de graduação e pós-graduação. No ano de 2011, aprovei meu primeiro projeto como coordenadora pelo CNPq, no Edital Universal 14/2011. Vale ressaltar que Rondônia não dispunha de fundação de amparo à pesquisa, sendo os órgãos federais, particularmente o CNPq, a única fonte de financiamento possível. Também não é preciso discorrer, em muitos detalhes, sobre as assimetrias no Brasil em busca por financiamento para

a pesquisa, assim como a dificuldade que é concorrer (e ser contemplada) em um edital como o Universal. Por isso, considero uma conquista relevante.

Todavia, a mudança para a Ufal, que não apresentava as mesmas condições de trabalho para a Química Analítica, bem como a migração de área e necessidade de implantação do curso de Medicina arrefeceram a carreira de pesquisadora. Fica um pequeno incômodo, um sentimento de autossabotagem, por não ser hoje, talvez, a pesquisadora que gostaria. Certamente não me imaginaria chegar ao mais elevado estágio da carreira acadêmica com esse sentimento de não ter uma linha de pesquisa consolidada. Contudo, ao analisar a minha própria trajetória, que inclusive intitula o memorial, foi um processo de (trans)(form)ação; nela, pude experimentar a participação em outras temáticas. Talvez esse seja o caminho da (trans)(form)ação, sinuoso, caudal e corrente. A água sempre corre para algum lugar. No meu caso, a pesquisa também “correu” entre o ensino e a divulgação científica, tendo estabelecido novas parcerias. Assim, destaco a minha participação nesse campo, no projeto “Rede social *Instagram* e ciência: práticas de divulgação do conhecimento e potencialidades educativas”, coordenado pelo professor Wilmo Ernesto Francisco Junior.

3.3 Atividades de extensão

As atividades de extensão se iniciaram na UNIR, tendo sido a mais significativa o projeto de teatro científico com o Pibid já relatado. Na Ufal, atuei de forma mais sistemática, tendo participado de cinco projetos, dois na condição de coordenadora e três de colaboradora (Quadro 7).

Quadro 7 – Participação em projetos de extensão

Projeto	Função	Período	Documento
Educação em saúde para prevenção de doenças parasitárias e orientação ao uso racional de plantas medicinais antiparasitárias na comunidade de Mangabeiras, Arapiraca-AL	Colaboradora	19/08/2016 a 19/08/2017	2.3.1
Do sertão ao litoral: o bioma alagoano é mais que “pop” e “ComCiência” é mais que “top”	Colaboradora	31/10/2019 a 29/02/2020	2.3.2
Estratégias no combate das notícias falsas na adesão às medidas de controle da covid-19	Coordenadora	10/05/2020 a 30/11/2020	2.3.3
Cartelas de medicamentos vazias: descarte consciente e implementação de um coletor no Complexo de Ciências Médicas e Enfermagem da UFAL de Arapiraca-CCME	Coordenadora Adjunta	01/08/2022 a 31/12/2022	2.3.4
Por uma Alagoas mais limpa - etapa 1: Arapiraca	Colaboradora	01/04/2022 a 30/04/2022	2.3.5

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Todos eles têm uma importância e um sentido pessoal. Em 2016, por exemplo, com a Professora Aline Cavalcante, no projeto “Educação em saúde para prevenção de doenças

parasitárias e orientação ao uso racional de plantas medicinais”, desenvolvemos uma série de ações, como a elaboração de folhetos informativos e palestras que enfocaram o público estudantil da Educação Básica de Arapiraca. Participaram, também, estudantes da primeira turma do curso de Medicina. Já o projeto “Cartelas de medicamentos vazias: descarte consciente e implementação de um coletor no Complexo de Ciência Médicas e Enfermagem da UFAL de Arapiraca” (ainda em andamento, embora não registrado no sistema acadêmico) visa o processo educativo para a reciclagem e a diminuição da automedicação. As cartelas são recolhidas a partir de um trabalho conjunto com os estudantes e destes com seus familiares e amigos para serem depositadas em um coletor na universidade. Posteriormente, algumas delas são matéria-prima para um artista plástico que produz obras a partir de materiais recicláveis.

Entretanto, desses trabalhos, eu destaco o projeto “Estratégias no combate das notícias falsas na adesão às medidas de controle da covid-19”. Esse projeto envolveu ações de divulgação científica via redes sociais, *Instagram*, *Blog* e *Podcast*. Reuniu uma ampla equipe de caráter interdisciplinar, estudantes de graduação em Medicina e Química, docentes da Educação Básica, servidores do setor da Saúde, docentes do Ensino Superior dos cursos de Medicina e Química. Foi um momento de muitas indecisões, em pleno isolamento social. Assim, o projeto serviu não apenas como atividade acadêmica, mas para a manutenção do convívio, ainda que virtual, entre docentes e discentes, criando uma espécie de rede de apoio em um momento de tanta dificuldade e incerteza que foi a pandemia. Dele derivaram ainda produções intelectuais (um livro e um artigo em periódico) apresentados na subseção correspondente.

São as ações de extensão que melhor se aproximam da sociedade, possibilitando discutirmos sobre diversos assuntos de grande relevância. Ademais, os estudantes de graduação tomam parte de protagonistas no processo, fazendo com que seu engajamento seja elevado. É importante para o desenvolvimento de um pensamento social, fundamental para quem usufrui das benesses de uma educação pública.

3.4 Atividades de produção intelectual

A publicação científica é uma das atividades fins da produção do conhecimento e que permeou o meu fazer acadêmico desde a graduação. É uma atividade fim da produção do conhecimento, por isso indispensável. Ao ingressar como docente da UNIR, deparei-me com novas temáticas em função das necessidades estruturais e de se adequar ao contexto de trabalho. Como já descrevi anteriormente, atuei em atividades de ensino, pesquisa e extensão que

resultaram em publicações diversas. Além daquelas relacionadas à Química Analítica e Ambiental, participei de produções originadas de experiências com a coordenação do Pibid. Já, na Ufal, estabeleci algumas parcerias que também originaram publicações na interface com a Saúde. Não me deterei em descrever cada uma delas, que estão mais bem discriminadas na Quadro 8, mas tecerei algumas considerações sobre aquelas que tiveram particularidades nesse trajeto acadêmico.

Quadro 8 – Produções intelectuais mais relevantes

Tipo de publicação	Dados da publicação	Documento
Artigo em periódico	LIMA, J. S. de; SILVA, M. T. S.; MACHADO, M. G. da C.; YAMASHITA M.; FRANCISCO JUNIOR, W. E. Química e Instagram: como vem se formando essa mistura?. Linhas Críticas , Brasília, v. 29, e47528, p. 1-23, 2023.	2.4.1
Artigo em periódico	FRANCISCO JUNIOR, W. E; ARAÚJO, P. D.; SANTOS, E. A.; YAMASHITA, M. Literatura de cordel e educação em ciências: uma análise a partir de periódicos e do ENEPC. Revista Reamec , Cuiabá, v. 10, n. 3, e22053, p. 1-21, 2022.	2.4.2
Artigo em periódico	SOUZA, C. D. F. de; MACHADO, M. F.; QUIRINO, T. R. L.; LEAL, T. C.; PAIVA, J. P. S. de; MAGALHÃES, A. P. N. de; SANTOS, V. S.; MAGALHÃES, M. A. F. M.; MARIANO, R. de S.; SILVA, R. R. da; YAMASHITA, M. Padrões espaciais e temporais da mortalidade de motociclistas em estado do nordeste brasileiro no século XXI. Ciência & Saúde Coletiva , Rio de Janeiro, v. 26, n. 4, p. 1501-1510, 2021.	2.4.3
Livro organizado	YAMASHITA, M.; SAMPAIO, B. O. K.; SANTOS, V. C. dos; COSTA, L. A. da (org.). Fake news: não se contamine com esse vírus . Maceió: EDUFAL, 2021.	2.4.4
Artigo em periódico	COSTA, L. A.; COSTA, L. A. da; SANTOS, E. F.; FEITOZA, E. M. B. A.; YAMASHITA, M.; ANDRADE, J. C.; SOUSA, P. V. L. de. Dengue associated with severe cutaneous leukocytoclastic vasculitis and pericardial effusion: a case report. Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo , São Paulo, v. 62, p. 1-4, 2020.	2.4.5
Artigo em periódico	YAMASHITA, M.; MAGALHÃES, A. J. de A.; FERREIRA, A. K. B.; SAMPAIO, B. K. O.; SILVA, C. M. da et al. #Fake News: Combata esse vírus! Revista Portal: Saúde e Sociedade , Maceió, v. 5, n. 2, p. 1393-1417, 2020.	2.4.6
Artigo em periódico	FRANCISCO JUNIOR, W. E.; SANTOS, C. M.; YAMASHITA, M. Laboratório escolar: percursos e percalços durante o estágio supervisionado numa escola pública. Revista Cocar , Belém, v. 13, p. 179-202, 2019.	2.4.7
Artigo em periódico	LAUTHARTTE, L. C.; HOLANDA, B. B. de; LUZ, C. C.; MUSSY, M. H.; PANSINI, S.; MANZATTO, A. G.; YAMASHITA, M., BASTOS, W. R. Avaliação da qualidade da água subterrânea para consumo humano: estudo de caso no Distrito de Jaci - Paraná, Porto Velho - RO. Águas Subterrâneas , São Paulo, v. 30, p. 246-260, 2016.	2.4.8
Artigo em periódico	FRANCISCO JUNIOR, W. E.; SILVA, D. M.; NASCIMENTO, R. C. F.; YAMASHITA, M. O teatro científico como ferramenta para a formação docente: uma pesquisa no âmbito do PIBID. Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências , Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 79-100, 2014.	2.4.9
Artigo em periódico	FRANCISCO JUNIOR, W. E.; YAMASHITA, M. Explorando saberes populares na formação inicial de professores de química: possibilidade para a inserção da história e filosofia das ciências. Revista Tecné, Episteme y Didaxis: TED , [s. l.], n. extraord., p. 317-323, 2014.	2.4.10

Tipo de publicação	Dados da publicação	Documento
Artigo em periódico	MUSSY, M. H.; BRUCHA, G.; REIS, M. G.; USHIMARU, P. I.; YAMASHITA, M.; BASTOS, W. R. Identificação de Microrganismos Resistentes ao Herbicida Ácido 2,4-Diclorofenóxiacético (2,4 - D) em solos de Rondônia, Brasil. Interciencia , Santiago, v. 38, p. 353-357, 2013.	2.4.11
Artigo em periódico	YAMASHITA, M.; FRANCISCO JUNIOR, W. E.; FRANCISCO, W. Elaboração de perguntas como estratégia leitora: contribuições à formação docente inicial em Química a partir de ações em um Programa Brasileiro de Iniciação à Docência. Enseñanza de las Ciencias , Barcelona, v. extra, p. 3753-3757, 2013.	2.4.12
Artigo em periódico	FRANCISCO JUNIOR, W. E.; YAMASHITA, M.; MARTINES, E. A. L. M. Saberes regionais amazônicos: do garimpo de ouro no Rio Madeira (RO) às possibilidades de interrelação em aulas de Química/Ciências. Química Nova na Escola , São Paulo, v. 35, p. 22 - 236, 2013.	2.4.13
Capítulo de livro	SOUZA, J. de Q.; GOMES, P. da S.; YAMASHITA, M.; FRANCISCO JUNIOR, W. E. Leitura e experimentação na abordagem do conceito de densidade. In: ZIBETTI, M. L. T.; OLENKA, L.; ALVES, F. (org.). Diálogos sobre iniciação à docência . São Carlos: Pedro & João Editores, 2013. p. 143-155.	2.4.14
Artigo em periódico	BARROS, A. A. D.; GARCIA, V. M.; YAMASHITA, M.; FRANCISCO JUNIOR, W. E. Leitura em um curso de graduação em química: dois casos a partir do uso de literatura científica. Areté , Manaus, v. 5, p. 83-97, 2012.	2.4.15
Artigo em periódico	UCHÔA, A. M.; NASCIMENTO, R. F. do; SILVA, A. P. da; BARROS, A. A. D.; LIMA, A. M. B. de <i>et al.</i> Passando um “cafezinho”: misturas e separação de misturas a partir de um experimento com materiais do cotidiano. Vivências , Erechim, v. 8, p.181-191, 2012.	2.4.16
Trabalhos publicados em eventos	i) Analisando a aplicação de um Bingo Químico sobre tabela periódica: uma experiência no Ensino Médio a partir do PIBID/UNIR (resumo). ii) Avaliando uma atividade de ensino sobre o tema densidade: uma experiência no PIBID/UNIR-RO (resumo). iii) Dificuldades e alternativas para o ensino de Química: o que dizem os estudantes? (resumo). iv) Passatempo químico: criação e execução de atividades de entretenimento voltada para a educação (resumo). v) O desenvolvimento da argumentação e da linguagem científica por graduandos em Química mediante a produção textual (trabalho completo). vi) Estratégias de leitura na formação inicial em Química: uma análise de dois casos a partir do uso de literatura científica (trabalho completo). vii) Formação docente e divulgação científica por meio do teatro: uma pesquisa no âmbito do PIBID UNIR/RO (trabalho completo).	2.4.17
Artigo em periódico	LUZ, C. C.; SANTOS, E. A.; SANTOS, M. O. S.; MUSSY, M. Y.; YAMASHITA, M.; BASTOS, W. R.; BRUCHA, G.; REIS, M. M.; REIS, M. G. Estudos de biodegradação de óleo diesel por consórcio microbiano coletado em Porto Velho - RO, Amazônia. Química Nova , [s. l.], v. 34, n. 5, p. 775-779, 2011.	2.4.18
Artigo em periódico	REIS, M.; LUZ, C. C.; BASTOS, W. R.; YAMASHITA, M. Aplicação do modelo Tucker-3 para a análise da biodegradação de diesel. Química Nova , [s. l.], v. 33, n. 7, p. 1464-1470, 2010.	2.4.19

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Logo que cheguei em Rondônia, fui “acolhida” pelo Laboratório de Biogeoquímica Ambiental, um grupo interdisciplinar de pesquisa focado em impactos ambientais na Amazônia,

desde investigações em amostras naturais (água, solo, ar, plantas) até biológicas (peixes, sangue). Como Química Analítica, atuava principalmente no suporte às análises químicas e aos processos químicos de extração de amostras. Dessa parceria, publiquei meus primeiros artigos como docente-pesquisadora, a saber: “Estudos de biodegradação de óleo diesel por consórcio microbiano coletado em Porto Velho - RO, Amazônia” e “Aplicação do modelo Tucker-3 para a análise da biodegradação de diesel”, bem como outros.

Além dessas produções relacionadas à Química Analítica e Ambiental, participei de produções originadas de experiências com a coordenação do Pibid da área de Química. A mais singular, e talvez mais relevante, tenha sido a publicação originada a partir do teatro científico (descrito anteriormente). Embora não tendo formação nesse campo, contei com a parceria de demais coordenadores para desenvolver as ações e, principalmente, a escrita dos textos.

A vivência com o Pibid rendeu muitas produções envolvendo os estudantes, não apenas em periódicos, mas com a participação em eventos. Acompanhei, por exemplo, um grupo de seis estudantes em um Encontro Nacional de Ensino de Química na cidade de Salvador, Bahia, todos com apresentação de trabalhos. O grupo apresentou, no evento, sete trabalhos, sendo quatro no formato de resumos e três como trabalhos completos (Documento 2.4.17). Mais do que isso, participar de um momento ímpar na vida de estudantes, que, por meio da Universidade e do Pibid, lhes foi oportunizado estar no principal evento de ensino de Química do país, em uma cidade 3.000 km distante de suas origens, supera qualquer outro motivo acadêmico.

Para finalizar o último bloco no que tange às produções intelectuais, estão aquelas fruto do trabalho na Ufal. Dessas, eu destacaria, sem dúvida, aquelas originadas com o projeto de extensão; além da relevância social e acadêmica do projeto de extensão “Estratégias no combate das notícias falsas na adesão às medidas de controle da covid-19”. A primeira produção que destaco é o artigo publicado em periódico de Educação em Saúde e Saúde Coletiva (Documento 2.4.6). Nesse artigo, analisamos alguns exemplos de notícias falsas disseminadas. Já o livro aprovado no Edital 01/2020 da Editora da Ufal (EdUFAL) foi fruto de um trabalho coletivo intenso. De início, titubeei com a ideia, trazida pelos graduandos, em submeter um livro sobre o projeto para o edital. Foi com a insistência e convencimento deles que, felizmente, aderi a esse desafio. O material pode ser um interessante apoio didático nas áreas das Ciências (Química, Biologia, Bioquímica) bem como para divulgação científica no combate a notícias falsas.

Em retrospectiva a essa produção intelectual, há um certo sentimento de ambiguidade. Durante toda a trajetória, não foi possível estabelecer uma linha sólida de pesquisa, que reverberasse em publicações consistentes em um campo e com maior regularidade. Por ter

produzido em diferentes temáticas, ecoa o refrão de Arnaldo Antunes e Nando Reis: “Será que eu falei o que ninguém dizia? Será que eu escutei o que ninguém ouvia. (Será que fui capaz ou ainda) Não vou me adaptar!”. Ao mesmo tempo, ao olhar os até agora 16 artigos publicados nesses 16 anos de carreira acadêmica (média de um artigo ao ano), um livro, bastante significativo para mim, um capítulo e alguns trabalhos em eventos (relatados aqui apenas um grupo), parece ser um indicativo de que, de fato, não me adaptei, mas me (trans)(form)ei.

Ao ir para a UNIR, precisei trilhar caminhos um pouco diferentes daqueles na pós-graduação, mas ainda dentro de uma certa zona formativa de conforto. Ali publiquei na interface ambiental, que sempre foi de meu agrado e se coadunou ao grupo de pesquisa que integrei. O fato de atuar em um curso de licenciatura trouxe, inevitavelmente, preocupações no campo da formação de professores. Atuando no Pibid, vivenciei atividades de divulgação científica e acompanhei estudantes em escolas, o que resultou em outras produções. Já, ao ser redistribuída para a Ufal, no *campus* de Arapiraca, em meio ao mar salgado de dificuldades que vem sendo atuar na abertura e na consolidação de um curso, a pesquisa foi ficando um tanto de lado. Foram três anos para publicar um trabalho ainda fruto de Rondônia e quatro anos para alguma parceria. Aqui a (dificuldade na) interface com a saúde e a educação em saúde começou a emergir. Com a criação do PPGEFOP, também iniciei a participação em orientações e projetos com algumas produções.

Se essas publicações são muitas ou poucas, não me cabe julgar. Cabe-me analisar o que representam e como elas se associam a diferentes momentos, pessoais e profissionais dessa jornada. Os frutos demoram? São maduros? Não sei. Contudo, toda árvore precisa de um tempo para que comece a colher seus frutos. Espero que essa árvore seja frondosa e ramifique seus galhos, acolhendo ainda novos frutos.

3.5 Atividades profissionais, administrativas e de gestão acadêmica

As atividades administrativas e de gestão acadêmica, embora fundamentais, não estão entre as mais preferidas. Ainda assim, desempenhei ao longo deste percurso, variadas tipos, desde o cargo de chefia de departamento/coordenação de curso (na UNIR, essas atividades eram conjuntas), até a participação em comissões/comitês diversos, que incluem consulta à comunidade para direção, progressão funcional, participação social profissional, estágio probatório, seleção de pós-graduação entre outros, conforme mostra o Quadro 9.

Quadro 9 – Atividades administrativas e de gestão

Período	Atividade desempenhada	Documento
Novembro/2022- atual	Vice-coordenadora do curso de Medicina.	2.5.1
Fevereiro/2021	Comissão de Avaliação de Desempenho do <i>campus</i> Arapiraca/Ufal, para avaliação de processos de promoção para a classe D (Associado).	2.5.2
Novembro/2020 a novembro/2023	Membro do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso de Medicina.	2.5.3
Junho/2017 a junho/2019	Membro titular do colegiado do curso de Medicina.	2.5.4
Maio/2016-atual	Comissão de compras e infraestrutura do curso de Medicina.	2.5.5
2016-2023	Coordenadora de monitoria do curso de Medicina.	2.5.6
Julho/2014	Comissão de consulta à comunidade para escolha de direção de unidade acadêmica.	2.5.7
Junho/2013	Comissão de Avaliação dos Estudos referente à Implantação do Aterro Sanitário do Município de Porto Velho.	2.5.8
Novembro/2012	Presidente da Comissão do Processo Seletivo do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente.	2.5.9
Outubro/2012 a julho/2014	Chefe do Departamento de Química da UNIR e coordenadora do curso de licenciatura em Química.	2.5.10
Junho/2012 a maio/2013	Vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente.	2.5.11
Maio/2007 a maio/2009	Membro Comitê Técnico Científico Pibic-UNIR.	2.5.12

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Dessarte, vale mencionar a última atividade de gestão, ainda em andamento. Foi justamente nesse período que o curso passou pelo seu reconhecimento e visita de avaliação do Ministério da Educação (MEC), tendo obtido conceito máximo. Apesar do enorme trabalho e cansaço para a juntada da documentação, a avaliação positiva foi motivo de orgulho para o grupo e para a coordenação que esteve à frente do processo.

Por fim, não poderia deixar de registrar mais um momento histórico do *campus* Arapiraca, que foi a aprovação na Apresentação de Proposta para Curso Novo (APCN) de 2020 do curso de Mestrado em Ensino e Formação de Professores, apenas o segundo Mestrado do *campus* em seus mais de 15 anos de existência. Fazer parte da equipe que logrou tal feito é outro marco.

4 CONSIDERAÇÕES E EXPECTATIVAS FUTURAS

Entre as diversas paragens da minha formação acadêmica, estive em renomadas instituições, sempre em busca de vivenciar e trazer o melhor de cada lugar que passei. A trajetória profissional foi marcada por muito trabalho nos três pilares da universidade em ensino, pesquisa e extensão. Assumi, também, gestão administrativa como participação no colegiado, NDE, chefe do departamento do curso, coordenação de curso, enfrentando vários desafios, muitas vezes com quadro reduzido de professores/técnicos. Nem sempre as condições impostas eram favoráveis, mas, com o apoio dos colegas de trabalho e amigos, pude superar vários obstáculos. **Nos percalços da trajetória, tivemos uma greve na UNIR** que, de certa forma, influenciou no meu pedido de redistribuição para a Ufal.

Em Alagoas, experimentei um curso em processo de implementação, com poucos docentes, e em outra área de conhecimento. **Recomeçar foi árduo, muito trabalho, muitas reuniões, estudo e planejamento.** Quando tudo parecia “estar nos eixos”, fomos **surpreendidos com a pandemia que assolou**, de muitas maneiras possíveis, tudo ao redor do mundo. Uma nova adaptação, cursos de capacitação, aulas remotas ... aulas presencias ... aulas híbridas. “Híbrido”, “remoto”, “distanciamento social”, “*lockdown*” foram palavras que, de pouco usadas, passaram a ser pronunciadas quase diariamente. Nesse período, também outro fato importante: o início do Mestrado em Ensino e Formação de Professores (PPEFOP), no interior do agreste alagoano. Primeira vez que uma seleção de pós-graduação foi realizada de modo totalmente virtual.

Passado, um pouco, essa grande turbulência, veio outra. Atualmente, estou na vice-coordenação do curso de Medicina e, desde então, a coordenadora e eu temos tido muito trabalho e muitos problemas. Foi justamente nesse mandato que a reformulação do PPC do curso foi finalizada, bem como a recepção das visitas de acompanhamento e da comissão do MEC de avaliação e credenciamento. Apesar de todo o trabalho, imagino que estamos nos saindo bem.

Como perspectivas futuras, já que este é o último estágio da carreira acadêmica, mas não o fim dela, ainda espero aprofundar o trabalho de pesquisa, tanto na área de ensino como na área de intersecção entre ciências básicas e medicina, sem deixar a extensão de lado. Para isso, novos processos de **TransFormações** deverão me acompanhar. Como diz Saramago (1995, p. 310): **“Por que foi que cegamos. Não sei [...]. Penso que não cegamos, penso que estamos cegos, Cegos que veem, Cegos que, vendo, não veem”**.

O encanto da jornada é se descobrir dentro e fora das diversas cegueiras. Cada cegueira é um desconhecimento, um obstáculo e, também, uma possibilidade. Reconhecê-las e, reconhecendo-as e conhecendo-as, aprender a caminhar por dentre elas. Viver em regiões diferentes está sendo, mais do que nunca, um grande ensaio sobre a cegueira.

E a jornada continua....

REFERÊNCIAS

- BISQUERT, J.; BELMONTE, G. G.; SANTIAGO, F. F.; FERRIOLS, N. S.; YAMASHITA, M.; PEREIRA, E. C. Application of a distributed impedance model in the analysis of conducting polymer films. **Electrochemistry Communications**, [s. l.], v. 2, n. 8, p. 601-605, 2000. DOI: [https://doi.org/10.1016/S1388-2481\(00\)00089-8](https://doi.org/10.1016/S1388-2481(00)00089-8). Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1388248100000898>. Acesso em: 15 jun. 2023.
- FELIX, F. S.; YAMASHITA, M.; ANGNES, L. Epinephrine quantification in pharmaceutical formulations utilizing plant tissue biosensors. **Biosensors & Bioelectronics**, [s. l.], v. 21, p. 2283-2289, 2006. DOI: 10.1016/j.bios.2005.10.025. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16359852/>. Acesso em: 15 jun. 2023.
- GARCIA-BELMONTE, G.; FABREGAT-SANTIAGO, F.; BISQUERT, J.; YAMASHITA, M.; PEREIRA, E. P.; CASTRO-GARCIA, S. Frequency dispersion in electrochromic devices and conducting polymer electrodes: A generalized transmission line approach. **Ionics**, [s. l.], v. 5, p. 44-51, 1999. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF02375902>. Acesso em: 02 maio 2023.
- MIYAZAWA, M.; OLIVEIRA, E. L.; PARRA, M. S.; YAMASHITA, M. Absorção de metais pesados do lodo de esgoto pelo feijoeiro (*Phaseolus vulgaris* L). **Arquivos de Biologia e Tecnologia**, Curitiba, v. 41, n. 1, p. 115-127, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/babt/a/dPndtPrzrSBVYqPwJNrP5Fm/>. Acesso em: 10 jun. 2023.
- MIYAZAWA, M.; PAVAN, M. A.; MACHADO, P. L. O. A.; OLIVEIRA, E. L.; YAMASHITA, M. Manganese Dynamic in Acid Soil and Uptake by Maize Seedlings. **Communications in Soil Science and Plant Analysis**, [s. l.], v. 27, n. 9-10, p. 2349-2359, 1996. DOI: <https://doi.org/10.1080/00103629609369708>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00103629609369708>. Acesso em: 10 jun. 2023.
- QUINTINO, M. S. M.; YAMASHITA, M.; ANGNES, L. Voltammetric studies and determination of Levodopa and Carbidopa in pharmaceutical products. **Electroanalysis**, New York, v. 18, p. 655-661, 2006. <https://doi.org/10.1002/elan.200503445>. Disponível em: <https://analyticalsciencejournals.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/elan.200503445>. Acesso em: 15 jun. 2023.
- SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SOUZA, J. de Q.; GOMES, P. da S.; YAMASHITA, M.; FRANCISCO JUNIOR, W. E. Leitura e experimentação na abordagem do conceito de densidade. In: ZIBETTI, M. L. T.; OLENKA, L.; ALVES, F. (org.). **Diálogos sobre iniciação à docência**: formação de professores no PIBID da Universidade Federal de Rondônia. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013. p. 143-155.
- YAMASHITA, M.; PESSÔA, C. A.; KUBOTA, L. T. Electrochemical behavior of pyrroloquinoline quinone immobilized on silica gel modified with zirconium oxide. **Journal of Colloid and Interface Science**, [s. l.], v. 263, p. 99-105, 2003. DOI: 10.1016/s0021-

9797(03)00327-8. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/12804890/>. Acesso em: 28 abr. 2023.

YAMASHITA, M.; ROSATTO, S. S.; KUBOTA, L. T. Electrochemical comparative study of Riboflavin, FMN and FAD immobilized on the silica gel modified with zirconium oxide.

Journal of the Brazilian Chemical Society, [s. l.], v. 13, p. 635-641, 2002.

<https://doi.org/10.1590/S0103-50532002000500015>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/jbchs/a/y7TjbpCCMrDN5kZ99GyyZfQ/?lang=en>. Acesso em: 15 jun. 2023.